



MEDITAÇÃO — (Quadro de G. Seignac)

N.º 202 Lisboa, 3 de Janeiro de 1910

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4800 réis — Semestre, 2840 réis
Trimestre, 1820 réis

Ilustração
PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS
Director artístico: FRANCISCO TEIXEIRA
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA

Redacção, Administração e Officinas de Compo-
sição e Impressão **R. Formosa, 43**

Assignatura da "Ilustração Portuguesa" para Portugal, colonias e hespanha

Por anno 4\$800 réis
 " semestre 2\$400 »
 " trimestre 1\$200 »

Assignatura conjunta do "Seculo", "Supplemento Humorístico do Seculo" e da "Ilustração Portuguesa"

Portugal, colonias e Hespanha
 Por anno 6\$000 réis
 " semestre 4\$000 »
 " trimestre 2\$000 »
 " mez (em Lisboa) 700 »



Melo seculo de successo
ESTOMAGO
 O Elixir do D. Mialhe
 de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente,
GASTRALGIAS, DYSPESIAS.
 A'oenda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
 Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

A SEDA SUISSA

É A MELHOR!

Peçam as amostras das nossas novidades em preto, branco ou cor, **Eolienne, Cachemire, Shantung, Duchesse, Crêpe do Chile, Orelle, Mossalino, Mouselino**, largura 120 cm., a partir de fr. 1,25 o metro, para vestidos, bluses, etc., assim como as **bluses e vestidos bordados** em baptiste, la, toile e seda.
 Vendemos as nossas sedas garantidas solidas **directamente aos consumidores e francas de porte a domicilio.**

Schweizer & C.

Lucerne E. 12. (Suisse)

Exportação de Sedas Fornecedor da Corte Real

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

ianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoño dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escritorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 270
PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51
 Ensaereços telegraphicos: **Lisboa, Companhia Prado—Porto, Prado**
 Numeros telephonicos: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CAPITAL

Acções	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação	266.400\$000
Reis	950.310\$000



GRATIS
125 machinas fallantes

De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente **GRATIS** estas magnificas machinas modelos de 1909. Remettem-se catalogos e condições a quem enviar uma estampilha de 25 réis á **CASA SIMPLEX**

BICYCLETES DISCOS E MACHINAS FALANTES.
J. CASTELLO BRANCO
 Rua do Socorro, 48 LISBOA
 R. de Santo Antão, 32 e 34

Madame O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chironante e physionomista da Europa



Brouillard

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez é incomparavel em vaticios. Pelo estudo que fez das ciencias, chro mancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall Lavater, Desbarrolles, Lombroso, d'Arpen liguey, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numeroes clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do império e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fal portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 ds manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja— LISBOA
 Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

Nouveau Parfum VIOLET
 29, Bd DES ITALIENS — PARIS
Princia

XAROPE FAMEL
 CURA INFALLIVEMENTE
 BRONCHITES
 MESMO CHRONICAS
TOSSES
 ASTHMA
PREÇO 800 REIS
 EM TODAS AS PHARMACIAS ou no DEPOSITO GERAL :
 15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA.
 FRANCO DE PORTE COMPRANDO DOIS FRASCOS.

EM 20 DIAS CURA RADICAL e INFALLIVEL
ANEMIA CÔRES PALLIDAS
 CHLOROSE, CONVALESCENÇA
 Elixir do S. Vicente de Paula
 Em todas as Pharmacias ou no DEPOSITO GERAL
 CUREIL & DELICANT, Rua dos Sapateiros 15, 1.º LISBOA
 1900 reis o frasco. franco porte em todo Portugal
 P.FOUILLE, Hurs*, 2, Faub. St-Denis, P A RIS

Academia allemã para engenheiros
Vismar a. d. Ostsoo, para engenheiros machinistas e electricistas, architectos e engenheir s de obras.

LOCAO DE QUEANT
CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS
 Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da calvie e todas as affecções do couro cabeludo.
 L.D.QUEANT Pharmaculo. 36, Rue Clignancourt, Paris.
 Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratulas.
 VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGUA

AS ACTAS DOS APOSTOLOS DE RAPHAEL



Raphael foi o grande pintor da pureza, o artista maximo da sublimidade maternal. Nos rostos das suas virgens ha tanta belleza, tanto amor, tanta graça, que jámais alguém excedeu esse colorista bem divino que personifica a Renascença. A Italia, terra da arte, ia com os seus principes e com os seus pontifices buscar ao antigo as linhas puras e então, como n'um paiz de fadas, os grandes obreiros do bello surgiram, foram legião. Chegaram os architectos do sumptuoso como Bramante e Palladio, os pintores da maravilha como esse doce Fra Angelico, Vinci e Raphael de Sanzio, o Boticelli das boccas purissimas, o Miguel Angelo do bello gigantesco.

Vivia-se n'uma atmosphera poderosa de luxo e de arte, e os papas como Julio II e Leão X recebiam na sua côrte faustuosa o artista sem equal que creava maravilhas com o seu genio sublime. As decorações d'aquelles palacios phantasticos careciam de mais alguma coisa que de quadros preciosos para as embellezar; era

necessaria uma moldura nobilissima para a pompa dos grandes pontifices. Tratava-se já de tornar mais pratica a arte e fazer dos singulares tecidos de Arras obras primas a que o grande pintor daria todo o relevo do seu talento portentoso. A Italia consumia as tapeçarias de Flandres, mas orgulhosa de possuir uma arte muito sua mandava que os operarios discipulos dos de Arras e Bruxellas executassem esses trabalhos formosos segundo o desenho do genial Raphael de Sanzio, as maravilhas d'arte decorativa que se deviam celebrar sob o ti-



1—Raphael. 2—A Pesca Milagrosa.

tulo das *Actas dos Apostolos*, tapeçarias destinadas de começo á sublime Capella Sixtina. São esses bellos quadros que a *Illustração Portugueza* hoje apresenta aos seus leitores.

○ QUE ERAM OS CARTÕES E SÍMBOLOS DO PAPAIO
↳ Á HISTORIA SAGRADA

Miguel Angelo decorou as abobodas da capella com as scenas da *Creação*, o *Sacrificio d'Abel*, o *Diluvio*, *David e Golias*, á mistura com figuras de Prophetas e de Sybillas, marcan'lo assim o laço que prendia o Antigo Testamento aos Evangelhos.

Ao fundo a grande scena do *Juizo Final* surgia terrivel e poderosa como um aviso á vaidade, ao orgulho, ao poder e á soberba. Nas paredes que ficavam vazias é que Raphael devia collocar as tapeçarias por elle desenhadas com os

sombrios d'uma paizagem judaica. A *Vocação de S. Pedro*, é ainda Christo com a sua tunica traçada, entregando ao discipulo as chaves do ceu. Ao pas-o que nas figuras perpassa o mysticismo como se uma nuvem d'incenso as espiritalisasse, nos accessorios, nas rédes, no barco, nas conchas, na paizagem, a verdade vibra impressionante e estranha.

Na *Cura do Paralytico*, a scena é já outra. Apparece n'um encanto a decoração soberba, as columnas mara ilhosas, esculpidas, as mulheres lindas como Raphael as fazia sair da sua paleta magica e no meio de toda essa ostentação, de toda essa opulencia, o desgraçado, mal coberto de farrapos, recebe a cura das mãos magnetisadoras do filho de David, ao passo que outros tambem enfermos, e tambem crentes, aguardam que esse homem de milagre volte para elles os



A Vocação de S. Pedro

seus emoldurados tão lindos e tão symbolicos, a *Fé*, a *Esperança*, a *Caridade*, as *Horas*, as *Estações*, que não se sabe qual vale mais se o quadro se a orla.

Tratava-se de collocar ali a *Pesca Milagrosa* e a *Vocação de S. Pedro*, e o artista devia fazel-o para definir as origens do poder espiritual do papa, que Leão X desejava basear no fundador do christianismo. Então Raphael pôz-se a desenhar e a colorir a grande scena dos Evangelhos, collocando n'um rio o Christo de figura doce, ouvindo as palavras d'adoração de Pedro e d'outro discipulo, enquanto o resto dos apostolos retiram da agua as rédes abarrotadas. É tudo aquillo é simples na sua idealisação, com passaros que vôam e com uns longes

olhos enternecidos.

No *Castigo d'Ananias*, o grande culpado, vive a tragedia mais intensa. Por terra o desgraçado estorce-se; S. Pedro, implacavelmente, fulmina-o, em roda ha um terror em todas as physionomias, e só um apostolo, unguido de graça, aponta o ceu com um olhar velado—mas onde se lê a perfeita justiça do castigo.

O grande pintor, com os nervos distendidos n'este periodo da sua arte, esquecia a calma das outras composições, os olhos ternos das madonas, as carnes placidas das mães, que tão magistralmente pintava, a bondade confiante dos rostos formosos e como se um grande abalo agitasse todo o seu ser, embrenhava-se na alta tragedia admiravelmente ex-

pressa nos seus trabalhos extranhos e magnificos d'esse tempo.

A TRAGEDIA APAIXONA O PINTOR. AS SUAS GRANDES FIGURAS. A CEGUEIRA DE «ELYMAS»

A *Cegueira de Elymas* é uma pagina viva e perturbadora. E' um quadro baseado na enorme revolta d'um homem ante a religião do amor, d'esta vez toda feita de condemnações e que o pontifice, na sua grande politica, desejava expôr para terror dos atheus.

Ninguém poderia executar esse trecho como Raphael.

O proconsul Sergio Paulo, que governava a ilha de Paphos, quiz ouvir a palavra sacra dos apóstolos Paulo e Barnabé e mandou buscal-os para que lhe dissessem d'esse Deus de bondade

ctearam no espaço em busca d'm arrimo e o romano, tocado pelo milagre, converteu-se, pôz-se a adorar Christo. Eis o que o sublime artista deu n'esse cartão de maravilha em que tudo, desde as physionomias ás roupagens, tem um alto cunho de verdade.

O *Sacrificio de Lystra* é ainda a tragedia, corresponde ás horas excitadas do artista, mas falta-lhe um pouco o realismo, porque toda essa legião de deuses olympicos tem um caracter bem espirituallizado.

S. Paulo no *Areopago* é tambem um trecho todo de rigor e de vulto. O grande apóstolo annuncia aos athenienses, amigos das linhas artisticas, devotados á belleza, que o Deus desconhecido de que os seus altares falavam, era o que lhes vinha annunciar. N'aquelles rostos está bem vincado o scepticismo, a nota da in-



A Cura do Paralytico

de quem falavam com tanta fé. Mas Elymas — o magico — no seu grande desdem pela idéa nova, procurou impedir o magistrado de se entregar ao christianismo. Foi então que Paulo, olhando-o fixamente, bradou :

«O' homem cheio de embustes e de malicias, filho do demonio, inimigo de toda a justiça, não deixarás nunca de perverter o caminho direito por onde Deus manda que se siga?! A mão do Senhor está sobre a tua cabeça. Vaes ficar cego; durante muito tempo o sol não existirá para ti.»

O homem deante de toda a côrte e dos apóstolos, em frente do proconsul n'aquella sala toda arcarias e grandezas sentiu a treva; os seus olhos cerraram-se, as suas mãos ta-

credulidade nas palavras d'elle, uns olhando-o como o desdem de pessoas intelligentes, outros com o ar indignado de quem se julga victima d'uma enorme mystificação. Entretanto, dois d'elles vieram a abraçar a sua fé, vencidos pela eloquencia com que o apóstolo falava e nos seus olhares lê-se a admiração, uma crença que nasce para jámais desaparecer nas almas boas até ali perdidas no paganismo. A figura de Paulo recortada de braços erguidos, envolta na tunica, é um assombro, mas o vulto que o encara, tem um ar tão natural de desdem, que realmente nos prende a vista e nos maravilha.

Com a *Lapidação de Santo Estevão*, a *Conversão de S. Paulo* e *S. Paulo na Prisão*, são estes os

principaes cartões das sublimes tapeçarias das *Actas dos Apostolos*.

COMO SE FIZERAM OS CARTÕES — ÀS TAPEÇARIAS — O SEU VALOR

Os cartões que reuniram para estas tapeçarias são pois soberbos como tudo o que aquella mão divina d'artista tocava. Os operarios que as tecerem puzeram tambem o maior cuidado na sua execução e se nem sempre esses flamengos souberam arranjar o colorido que o pintor lhe dera basta para essa idéa do pontifice ser sublime a obra prima ra; haelesca que gerou.

O trabalho devia ter começado em 1514, no segundo anno do pontificado de Leão X. Raphael recebeu cem ducados por cada cartão. Dois dos seus discipulos, Bernardo Van Oley e Miguel Coxie, foram encarregados de vigiar os trabalhos da tapeçaria, em Bruxellas, e

ma. Lutheo falava alto; o monge fazia adeptos e quando o papa artista morreu a reforma grassava com violencia. Então as tapeçarias da Capella Sixtina, essas lindas *Actas dos Apostolos*, foram empenhadas por cinco mil ducados.

Em 1527 os soldados de Jorge de Frondesberg e do condestavel de Bourbon fizeram uma pilhagem. O castigo d'Elymas foi retalhado por elles a fim de ser vendido mais facilmente e a de São Paulo deante do Areopago foi levada para Constantinopla voltando em 1554 a embellezarem o Vaticano pela liberalidade do condestavel Montmorency.

Os seculos passaram e os olhos deslumbrados dos fieis pousaram cheios de crença n'aquellas maravilhosas tapeçarias, analysando as scenas de terror, vendo esses rostos transbordados e aquella paizagem de doçura onde a figura ideal de Jesus passava toda cheia



1—S. Paulo no areopago

2—Entrada do cardeal João de Medicis em Florença

a despeza da tecelagem foi de mil e quinhentos ducados, por peça, dando os donos das officinas o oiro que se empregou. A primeira vez que se expuzeram na capella Sixtina, houve um entusiasmo delirante. Era em 26 de dezembro de 1519, dia da festa de Santo Estevão.

Mas o que succedeu a estas maravilhas, que extranho destino lhes estava reservado ?!

Leão X vira chegar o schis-

de belleza, toda unguida de santidade; os joelhos dobravam-se ante essa arte christã, tão pura e tão sentida e a fé accendia-se nas almas n'um impulso ao pensar-se que fóra com o pensamento em Deus que um artista realisára aquella grande obra.

A revolução franceza devia ter tambem a sua acção sobre as *Actas dos Apostolos*. Em 1798 os exercitos revolucionarios entraram na Cida-



de Eterna. A guilhotina, que todos aquelles soldados tinham visto decepar cabeças régias aniquilando o preconceito, vivia nas suas almas como um symbolo de justiça. Perdera-se a fé em todo o passado, avançava-se para o futuro n'um caminho de destruições por vezes sacrilegas. Como os aventureiros barbaros do condestavel de Bourbon, os republicanos apossaram-se das tapeçarias, sendo vendidas, com os quadros da *Vida de Christo*, por 1:250 piastras. O commisario Tappoult enviou-as ao Louvre. Tinham sido negociadas com uma sociedade representada pelos srs. Coen e Nouvel a quem se restituiram visto as finanças do paiz não permittem o luxo de

estava em 1528 na galeria do cardeal Griniani em Veneza. Os da *Lapidação de S. Paulo Estevão* e de *S. Paulo na Prisão* desapareceram. Rubens descobriu em Bruxellas, um seculo depois, os sete cartões restantes e offereceu-os a Carlos I d'Inglaterra, que lhe pagou d'uma fórma verdadeiramente regia. Tambem os desenhos de Raphael foram de novo reproduzidos na manufactura real de Mortlake. Quando as colleções do rei decapitado foram vendidas, Cromwell desejou que ellas ficassem na Inglaterra e comprou-as para o Estado pela ridicula quantia de trezentas libras. Guilherme III vendo-as damnificadas pelos furos das agulhas dos trabalhadores



1—O sacrificio de Lystra

2—Rodolpho arengando aos florentinos.

as guardar no muzeu nacional. Em 1808 collocaram-se de novo no seu logar, parecendo que Pio VII os comprou. Hoje ainda lá estão marcando o acto immorredouro do grande Raphael.

OS POSSUIDORES DE CARTÕES AS ORLAS DAS TAPEÇARIAS RUBENS E CARLOS I

Os cartões do divino pintor tambem tiveram a sua odyssea. Durante muito tempo estiveram na officina de Bruxellas onde se executaram as tapeçarias. Por elles se fizeram copias para outros trabalhos de caracter bem diverso. Os que representam as *Tres parcas* e os *Horas* estão reproduzidas integralmente na *Historia de Henrique II. O da Conversão de S. Paulo* foi de novo para Italia e

mandou collal-as em tela e collocal-as n'uma sala reservada. Hoje estão no muzeu de South Kensington.

Os bordados d'essas tapeçarias maravilhosas, as suas oras artisticas, são um grndioso poema. As *Tres Parcas* devem ter sido desenhadas pelo proprio Raphael, tal é a sua belleza. As outras, feitas sob a sua direcção, certamente, foram executadas pelos seus discipulos Jean d'Udine e François Penni. Ha n'ellas flores e fructos deliciosos e delicados, trechos da historia de Leão X, e o seu colorido é tão vivo, tão intenso, tão sublime que os olhos prendem-se na tragedia dos quadros e logo se desviam para pro urarem o repouso n'essas orlas magnificas.

Esse grande trabalho das *Actas dos Apostolos*, que Leão X



não hesitou em encomendar a Raphael, merecedoras. A arte era então, n'esse grande período de renascimento, uma coisa sagrada e o pontífice, ordenando ao grande pintor que fizesse desenhos para as suas tapeçarias, recebeu algumas ferroadas pela audácia. Mas Raphael, conscio do seu poder, sabendo que do seu genio só maravilhas podiam sair, não hesitou em aceitar esse trabalho, á semelhança do que já tinham feito alguns dos seus illustres



lacio que devia ser um modelo da mais pura arte. Elle que decorára as moradas ricas de Roma ia em fim ter o seu ninho voluptuoso e lindo. O povo amava-o, os grandes respeitavam-no, tinha trinta e sete annos e uma enorme fortuna, as mulheres ofereciam-se-lhe, a sua vida era tão maravilhosa como a sua obra. Mas, de subito, uma d'aquellas más febres de Roma prostrou-o. O enviado do duque de Ferrara escrevia: «Raphael d'Urbino è morto di una febre con-



1—Retrato de Leão X (Quadro de Raphael pertencente a Galeria Pitt) 2—A Cequeira de Elymas

3—As armas de Leão X (Ornatos de tapeçarias de Raphael)

predecessores. Cosimo Tura, chefe da primitiva escola de Ferrara, Andrea Mantegna e Leonardo di Vinci já tinham feito o mesmo, mas sem o grande brilho que Raphael de Sanzio deu ás suas celebres composições.

O grande pintor, que tantas obras primas legou, o amante de Fornarina, morreu quando mandara construir o seu pa-

tinua e acuta che già octo giorni l'assallò! Com effeito n'aquella sexta feira santa, dia da morte do Christo que elle tantas vezes pintára e dia do seu anniversario, Raphael morreu. Leão X — o papa de coração de bronze — chorou amargamente pelo seu artista.

E aqui está ainda o assumpto d'um quadro que só podia passar-se n'esse período de sagrada arte, no tempo glorioso da Renascença.





LEOPOLDO II DA BELGICA



O rei Leopoldo da Belgica, que falleceu em 17 de dezembro, com setenta e quatro annos, se foi um soberano falado nos *boulevards*, vestido pelos alfaiates londrinos, casado organicamente com a baroneza Vaughan e accusado por madame d'Esteva, tambem representou um grandioso papel no seu paiz, fomentando a riqueza publica, sobretudo com o impulso dado ao grande Estado do Congo. Politicamente deixou governar os partidos conservador e catholico, mas a acção d'estes grupos vae naturalmente diminuir, em virtude das idéas liberaes, quasi socialistas, do novo rei.

Alberto I é filho do conde de Flandres, que, como irmão de Leopoldo II, renunciára ao throno a favor do principe Badouin, fallecido em 1891, d'uma maneira tragica, que recorda a morte violenta do archiduque Rodolpho d'Austria. O herdeiro da corôa era amante d'uma senhora da mais alta nobreza, cujo marido, surprehendendo-a em flagrante, a assassinou e ao principe. O actual soberano dedica-se á engenharia, e, auxiliado por sua esposa, a rainha Izabel, filha da infanta de Portugal D. Maria José, e neta de D. Miguel, trabalha para melhorar a sorte do operariado. Uma das suas ultimas obras é uma associação formada em *La Panne*, destinada a proteger os pescadores. A rainha visita as officinas e é muito querida do povo. Exactamente no dia em que fallecia sua avó Adelaide Sophia, — a quem chamavam a *rainha sem throno*, — na formosa cabeça da neta era collocada a corôa da Belgica.



1—O rei Leopoldo da Belgica, fallecido em 17 de dezembro.

2—Os novos soberanos da Belgica: O rei Alberto I, filho do conde de Flandres e sobrinho do fallecido Leopoldo II

3—A rainha Izabel, filha da infanta D. Maria José de Bragança.

O SORTEIO DO CONCURSO DE 1909

UMA COLLEÇÃO DE COUPONS DA ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA OBTEM O 1.º PREMIO

No dia 20 de dezembro realizou-se no salão da *Illustração Portuguesa* o sorteio do seu grande concurso de 1909 cabendo o primeiro premio, cinco contos de réis em inscripções, à senhora D. Ileneria Gomes, filha do actor Antonio Gomes e que apresentára uma caderneta com *coupons* d'esta publicação.

Os trabalhos finais do concurso foram dirigidos pelos commerciantes srs. Manuel José Telles, Julio Castanheira Freire, José Pereira d'Oliveira e Joaquim Henriques, representando a auctoridade o chefe de policia sr. Alexandre Morgado. Além do premio maior havia mais tres de dois contos e quinhentos, tambem em inscripções, que foram distribuidos pela sr.ª D. Amelia Ramos Sousa, de Ferreira do Alemtejo, pelos srs. Victorino Pereira, de Ourem, e Armindo Tavares Santos, de Sever do Vouga.

Os outros premios eram quatro de quinhentos mil réis em inscripções e mais quinhentos em dinheiro além d'um brinde largamente distribuido. As pessoas que enchiam o vasto salão applaudiam a idéa generosa d'esta empresa em assim proporcionar aos leitores das suas publicações a maneira de poderem tirar proveito de simples colleccões de *coupons* que ellas inserem. A' sua iniciativa brilhante mais uma vez se deveu uma acção generosa que permittiu a centenaes de pessoas obterem sem esforço brindes valiosos que lhes torna-



1—D. Ileneria Gomes, 1.º premio de 5.000.000 em inscripções
2—Durante o sorteio, no salão da *Illustração Portuguesa*
3—A meza do jury

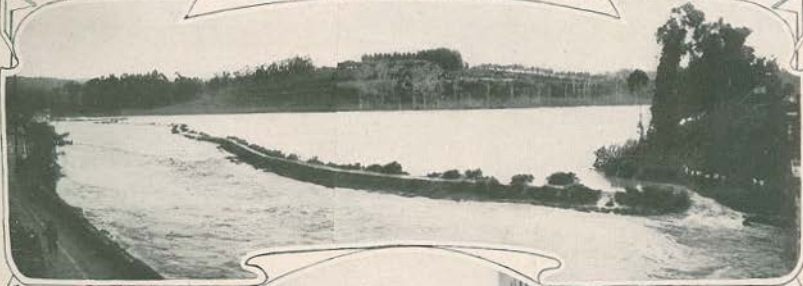
ram mais alegres as ultimas festas.

Tambem a satisfação dos collectionadores manifestou-se da forma mais accentuada ao trocaram as suas impressões após o sorteio.

A *Illustração Portuguesa*, que de tão bella forma viu terminar o concurso do anno de 1909 regosija-se por ter sido com uma das suas colleccões de *coupons* que a sr.ª D. Ileneria Gomes obteve o primeiro premio de cinco contos de réis em inscripções.



PORTUGAL DEVASTADO PELAS AGUAS OS GRANDES TEMPORAES DE DEZEMBRO



1—O largo da feira em Sacavem

2—Outro aspecto do largo da feira em Sacavem

3—A rua Cascaes em Alcantara.

4—A estação do Caes do Sodré



5—A ria de Sacavem na tarde de 22

6—A fabrica de moagens de Sacavem

(Photographias tiradas na tarde de 22, por BENOLIEL)



O descarrilamento do Sud-Express na Povoação de Santa Iria em 22 de dezembro

- 1—Os estragos produzidos pelo embate da primeira carruagem sobre o fourgon. 2—A locomotiva depois do descarrilamento
- 3—A locomotiva photographada da linha.
- 4—Um aspecto do comboio depois do desastre.

(Clichés de BENOILH)



A CHEIA EM ALEMQUER

- 1—A ponte do Espírito Santo, sobre o rio Triana, em parte destruída pelo temporal.
- 2—A rua d'Alemquer onde a cheia causou maiores estragos.
- 3—Um muro que desabou impedindo a passagem dos carros.
- 4—Casas inundadas pelo rio Triana.
- 5—Casa destruída pelo temporal na rua da Horta (Clôchês de BESOUHEL).





1—As águas sob o taboleiro da ponte D. Luiz I, no Porto



2—O caos da Ribeira do Porto visto do taboleiro inferior da ponte D. Luiz I



3—Um trecho do caos de Villa Nova de Gaya por occasião da maior cheia

(Clichés d'ALVÃO)



1—Destroços de barcos rabelos próximo da base da ponte D. Luiz I
2—Vista do Douro tirada, na madrugada de 26, do taboleiro superior da ponte de D. Luiz I



1—O caes de Villa Nova de Gaya inundado.
2—A cheia em Miragaya, nas trazeiras da Alfandega do Porto
(Clichés de ALVÃO)



1—Uma subscrição popular para as victimas de Miragaya. 2—El-Rei e o presidente do conselho nos caes da Foz.
 3—O transito em barco no caes da Ribeira. 4—Uma casa debaixo de agua, na Ribeira do Porto
 5—O despeje de uma casa na manhã de 25. — (Clichés de FENOLJEL)



A CRUZA DO DOURO

As casas da rua do Miradouro, com as do S. d'Alameda, levantadas pelas águas
(Cidade de Beira) vistas ao nascer do sol.

A LEGAÇÃO DE ITALIA



ANTES E DEPOIS DO INCENDIO

- 1—O palacio da Legação de Italia em Santa Clara
2—Os sr. marquez Paolucci di Calboli e seus filhos.
3 — Um canto do salão verde: Um dos aposentos poupados pelo incendio.

Pelas 8 horas da noite de 21 ultimo, Lisboa foi sobressaltada por um clarão sinistro que avermelhava o céu.

Estava a arder a Legação de Italia — a noticia espalhou-se rapida e causou a mais profunda impressão, pois toda Lisboa sabia que os actuaes ministros haviam trazido preciosidades de valor incalculavel, reunidas pelo esforço perseverante de successivas gerações. Era o trabalho de mais de tres seculos que o fogo em tres horas consumia!

O palacio de Santa Clara, defrontando o rio n'uma eminencia da cidade, estava havia muito habituado a ser o prolongamento da nação italiana na nossa patria. Nunca, porém, representou mais condignamente a enorme riqueza material e artistica d'essa nacionalidade, berço e orgulho da raça latina, que durante a estada entre nós do diplomata illustre que é o sr. marquez Raniero Paolucci di Calboli.

De facto, as preciosidades que tornavam a



GEMITO

Estudo em bronze do Acquatino, feito por Gemito para o rei de Napoles.



seu actual representante.

Tentarei dar uma pallida idéa do que era a Legação de Italia.

Logo na escadaria encontravam-se gravuras e esboços de artistas celebres e a arvore genealogica da familia, que, remontando a 979 da nossa era, conta entre as suas ramificações quatro cardeaes, a um dos quaes o veto da Austria, impedindo-o de ser papa, matou de pezar.

Entrava-se, á direita, no gabinete de fumar, guarnecido de bibelots de gosto, retratos dos ex.^{mos} ministros e seus filhos por pintores conhecidos, livros de valor e bellos mo-

Legação de Italia um perfeito muzeu d'arte não eram das que facilmente se vêem na posse d'um particular e muito menos das que podem ser transportadas de terra em terra na carreira instavel do diplomata moderno. Fel-o o sr. marquez Paolucci di Calboli, porque ellas constituam já uma parte do seu ser, uma necessidade da sua vida intellectual, eram como que o quadro apropriado ao seu espirito superiormente culto.

Apenas terminada a sua installação, estivemos para perdela. Foi o movimento politico, que roubou a vida a um rei tambem artista, que nol-as conservou, tornando necessaria á Italia a continuação em Lisboa do



1—O salão vermelho ou sala dos Arraizes quasi completamente destruida pelo fogo.

2—Estatua equo tre: Modelo em bronze de Fremiet, para a estatua do fundador da casa de Oricans no castello de Tierrefonds (Pertenceu ao embaixador de Italia Ressiman)

3—Outro aspecto do salão vermelho, onde havia obras de arte consideradas monumentos nacionaes da arte italiana.



querido das casas reinantes dos seculos XVIII e XIX que trabalhou para Luiz XVI e para Napoleão, produzindo guarnições de meza semelhantes para as Tuherias e municipio de Paris, e o celebre berço do Rei de Rome que se admira no Louvre.

Esta preciosidade artistica, que consta de numerosas peças e vale uma fortuna, foi feita para a familia do sr. conde Tornielli, fallecido

veis. Um d'estes continha uma collecção rica, das melhores existentes, de 2.500 moedas dos papas. Sobre o fogão a figura pittoresca, em bronze, do poeta auctor do grande livro *Postuma*, Guerrini Stecchetti, dado a conhecer aos portuguezes pelas *romanzas* de Tosti: *Donna vorrei morire* e outras.

Passando á sala de jantar, a attenção fixava-se logo na obra monumental que se erguia sobre a meza. Era o *surtout de table* em bronze dourado, devido ao cinzel de Thomire, o artista



1—A sala de bilhar depois do incendio. 2—Uma das paredes da sumptuosa sala de musica. 3—O salão vermelho ou sala dos Arrazes, depois do incendio.



1—Aspecto da sala verde, poupada pelo incendio, e onde se vê o Luiz XIV aos seis annos e o Napoleão e Josephina de Capo di Monti
2—Napoleão em Brienne (bronze de Guillaume)
3—A taça do rei Carlos Alberto 4—A sala de bilhar.

embaixador de Italia em Paris, tio da senhora marquezia. O grande centro consta d'uma floreira em corôa rodeada de velas, que dois anjos sobre pedestaes sustentam. Por entre elles se cruzaram já os olhares dos reis de Italia, brindes entre este soberano e o presidente Loubet, e trocaram phrases amaveis, em Paris, o embaixador italiano com os de todas as potencias.

Ali teve em 31 de janeiro de 1908 o ultimo jantar official da sua carreira politica o sr. conselheiro João Franco.

Os armarios encerram a baixella de familia, já



enriquecida com peças «D. João V», entre as quaes figuram duas assignadas por Zacharias, o Benevenuto Cellini portuguez.

A sala era digna moldura do quadro; deitando sobre os jardins, as suas pinturas muraes, obra de artista portuguez, de tal fres-

cura e brilho que davam a impressão de amplas janelas abertas sobre uma paisagem longinqua, real.

A saleta verde, a primeira das quatro que formavam o verdadeiro muzeu, era um mimo. Continha a magnifica colleção de relógios, um frontal d'altar, século XVI, em cou-



ro pintado de grande valor, porcelanas de Capo di Monte, entre as quaes uma originalissima representando Napoleão e Josephina sob o disfarce de Adão e Eva, a taça mencionada no testamento de Carlos Alberto como recordação ao avô da senhora marquezia, etc.

Estava ali o precioso retrato de Luiz XIV aos 6 annos, unico que existe e fôra offerecido pela rainha regente a monsenhor di Bagno (1644). Varias e o-





O salão de musica antes do incendio
Na parede do fundo vê-se a *Venus*, de Guercino, totalmente perdida.

cas da pintura se encontravam representadas, desde Palmeggiano, o grande discipulo de Melozzo, n'um S. Jeronymo, e Lanino — uma Santa Familia, até ás flores delicadas da contemporanea illustre Madeleine Lemère.

A sala de bilhar encerrava as lindissimas collecções de miniaturas, marfins, edições raras e encadernações de luxo, cristaes, bronzes, faianças da Chiana, etc.

Seguia-se-lhe a sala de musica, espaçosa, alegrada por palmeiras e moveis delicados em talha dourada, onde se viam, além dos retratos da familia real italiana, os maiores quadros da collecção do sr. ministro, como: a soberba «Venus», de

Guercino (1591-1666); a «Madonna», de Marata; o retrato de Corregio por Barroccio, dois retratos da epoca de Donatello e Brunellesco, uma batalha de Salvator Rosa, retrato de nobre por Largillière, retrato de Sixto V do se-



Peça em prata, de Zacharias.



A capella do palacio, salva do incendio



1—O salão de musica depois do incendio.
 (Na parede do fundo, sobre o fogão, vê-se a tela
 róta e queimada de Guercino
 uma das antigas maravilhas da Legação de Italia)
 2—O quarto da senhora marquesa de Paolucci
 depois do incendio
 3—O escriptorio do ministro de Italia,
 destruido pelo fogo.

tuguezas, o delicioso grupo de figuras esculpidas em madeira e o «Padre Eterno», bello mosaico de Giotto, de um convento de Florença, cuja estada em Lisboa representa o deposito de importante somma garantindo á Italia a posse d'aquelle monumento nacional.

culo xv, um triptyco de Giovanni da San Giovanni e outros quadros por Spagnoletto, Palma, Sarzana e Wou-vernann.

Entrava-se finalmente no templo d'arte retrospectiva em que estava transformada a sala de honra do palacio, escriptorio precioso, cujas paredes desappareciam sob a magnificencia dos pannels d'Arras formando o mais adequado e harmonioso ambiente ás raridades que guardava. Tudo respirava arte e velhice: os tapetes, os moveis de talha caprichosa, contadores de embuidos, estatuetas, a collecção de caixas de rapé, algumas por-





Hoje tudo mudou! O aspecto das salas horrísona e conflagrante! Tres d'ellas viram todo o andar superior despenhar-se-lhes dentro, sepultando e destruindo sem piedade rarida-

des e riquezas sem par! Se no salão vermelho alguns pannos d'Arras, salvos, ainda enquadram grandemente os restos d'uma horrível fogueira ao ar livre. no salão de musica o prejuizo foi total.

O lustre de Veneza achatou se sobre o piano, os espelhos estalaram, ficando os valiosissimos quadros reduzidos a carvão.

Quando ali cheguei pelas 11 horas da noite a scena era desoladora, e o nobre marquez de Paolucci, que, como Sheridan, assistira impavido e corajoso ao aniquilamento das suas riquezas, trepava com risco pelos escombros, para salvar um retrato que o seu soberano lhe dedicára.

A dôr dos marquezes de Paolucci é das sem remedio, mas se algum lenitivo pode ter é o haver provocado um grande movimento de sympathy pelos illustres titulares.

FERREIRA D'ALMEIDA CARVALHO.



1—O centro de meza, em bronze cizelado, de Thomire, que pertenceu ao conde de Tornielli e avaliado em mais de 30 contos de reis. 2—A sala de jantar depois do incendio. 3—A sala de jantar, completamente destruída pelo incendio.—(Clichés da Phot. ACHILLES e de BENOJEL.)

A COLLEÇÃO DE CERAMICA - MOREIRA CABRAL -



1—Pia de agua benta
faiança decoração relevo e polychroma
(fim do seculo XVIII, Porto)
2—Prato de faiança decoração azul (seculo XVII, Braga)

Mais uma colleção de ceramica nacional fóra da acção dos argentarios e, portanto, sem o perigo de se desbaratar. Este fez com que surgisse um outro acontecimento, digno de maior apreço, e vem a ser a publicação do catalogo d'essa grande porção de objectos, elaborado pelo grande sabedor sr. Joaquim de Vasconcellos e cuja documentação é mais um precioso subsidio para a historia da nossa industria ceramica, uma das mais caracteristicas e interessantes em Portugal.

Tudo isto pertence hoje ao Museu Municipal do Porto: colleção que adquiriu hapouco mais de um

anno; catalogo que mandou imprimir e pôz á venda.

Aquella compõe-se de quatrocentas e tantas peças, quasi todas de faiança de fabricas portuguezas, do seculo XVII ao meado do XIX, havendo entre ellas exemplares perfeitos como fabrico e raros como documentos historicos.

Foi pacientemente organizada, durante quarenta annos, pelo sr. Antonio Moreira Cabral, lojista do Porto, que—caso não vulgar entre nós—sendo commerciante ao balcão, era verdadeiro artista na sua casa de residencia. E digo que *era*, não felizmente porque Moreira Cabral deixasse de fazer parte dos vivos, mas porque já hoje não póde ser um artista, pela razão de ter perdido quasi por completo a luz dos olhos, esse precioso sentido que a natureza deu ás creaturas, aquelle que transmite á sensibilidade do adorador das coisas bellas toda a emoção de uma obra d'arte!

Tenho o gosto de o conhecer pessoalmente, de o ter visto dirigir o seu estabelecimento, e de o haver visitado no meio das suas raridades, e sou-lhe muito agradecido por me ter deixado estudar detalhadamente — em 1904—as suas louças antigas, hoje a enriquecerem aquelle muzeu.



Mas o antigo negociante de vidraças da rua das Flores tem mais alguma coisa a recommendal-o, do que ter reunido e conservado até ao momento em que entre nós se começa a dar-lhes verdadeiro valor, alguns productos do genio e do trabalho elevado da gente de merecimento.

Possue—segundo pude observar, quando o tratei—precia-veis qualidades de caracter e, d'ellas, as que mais recommendam os homens: o grande amor á sua Patria, e a grande ternura pelos entes que lhe deram o ser, todo um culto baseado na maior das ternuras.

Na occasião da minha visita de 904, dizia-me elle uma tarde, quando eu examinava algumas peças da joalharia antiga, guardadas n'uma velha commoda do seu quarto de dormir:—«Vou mostrar-lhe a reliquia mais bella das minhas joias»; e apontou para sobre a cabeceira do seu leito, solememente, ao mesmo tempo que um sorriso de satisfação lhe inundava a physionomia e eu procurava ver através de um vidro cheio de reflexos o objecto de tão grande estima:—«E' o retrato de minha mãe pintado por Sousa Pinto!»

De facto, estava ali um dos esplendidos retratos a pastel de um dos nossos maiores mestres da actualidade.—Como estivesse prejudicado pela luz da janella, que lhe batia de chapa, pedi ao filho da retratada para mudar o quadro para uma das paredes lateraes da alcova, ao que elle annuiu.

Dias depois, passando eu pelo quarto, vi que o retrato havia voltado ao seu antecedente logar; áquelle logar em que os devotos collocam os santos da sua maior devoção! E' que o affectuoso colleccionador—que então já via pouquissimo—na impossibilidade de admirar a *reliquia mais bella das suas joias*, desejava senti-la mais perto do seu coração.

Além da cerami-



chamada—respectivamente—pela forma do pé, do assento e da costa.

Depois, os vidros e crystaes de Murano, da Bohemia, alemães, francezes e hespanhoes, e de misturada com os quaes ha talvez alguns (quem sabe?) das antiquissimas officinas portuguezas do Covo (1484), de Coína (1498), e mais tarde, das fabricas do Cabo-Mondego, Marinha Grande, Vista Alegre e de algumas de Lisboa, que nós, portuguezes, englobamos no fabrico estrangeiro e que só acreditaremos que são nossos, quando os proprios estrangeiros vierem dizer-nos que lhes não pertencem, como está acontecendo com a pintura portugueza primitiva!

—Depois, ainda, joias, delicados leques, arrendados pentes de tartaruga, medalhas, quadros, gravuras, armas e uma preciosa livreria de cerca de seis mil volumes, cujo catalogo foi ultimamente impresso e dos quaes faz parte uma das mais notaveis «Camoneanas» que se tem juntado no paiz.



1—Gomil de faiança decorado a azul e amarelo, Braga
2—Prato de faiança decoração polychroma (fim do seculo XVIII, Gaya)

O catalogo interessa logo na primeira pagina, pela exhibição do retrato de Moreira Cabral, em busto. Uma bella photographura, em papel *couché mise-en-train*.

Após o retrato, o frontespicio, repetição dos dizeres da capa, onde se vêem as armas da cidade do Porto e, immediatamente, sem mais rodeios, a introdução, em nove curtas laudas. Ahí, Joaquim de Vasconcellos, na sua habitual e segura prosa de eminente archeologo que é, diz o que se vae pas-

na *Ceramica Portuguesa*, a influencia da faiança hollandeza, que só do meado do seculo XVII em deante conseguiu o seu mais elevado grau de perfeição e se espalhou pela Europa, sobre o progresso da nossa ceramica e, sobretudo, do nosso azulejo, apontando para os famosos azulejos de S. Roque, do seculo XVI, assignados e datados, e explicando pela influencia da ceramica oriental, que as frotas portuguezas traziam d'esse mundo até então desconhecido, e actuou igualmente, primeiro sobre o nosso paiz e, mais tarde, sobre a Hollanda, a semelhança ou : r de familia que approximava, sob o ponto de vista deco-

rativo, as louças portuguezas das de Delft. E, com tudo isto, vejo com satisfação que o erudito archeologo concorda plenamente, como se pôde verificar sem difficuldade confrontando o que em 1907 escrevi na *Ceramica Portuguesa* (pag. 26 a 35), com o que na introdução do catalogo (pag. X a XII) vem agora afirmar.

Se o sr. Vasconcellos já o havia dito em 1882, em artigos no *Comercio do Porto*, eu ignorava essa sua opinião, pois que nunca li esses artigos e agora mesmo não consegui encontrar-os na Bibliotheca Nacional, visto aquelle jornal só ter sido aqui archivado de 1890 em deante. Mas, se eu, sem o saber, repeti, em 007, o que o mestre escrevera em 82, como pôde insinuar que eu *compliquei* o problema? A divergencia está apenas em um caso especial, — a classificação da peça da collecção Cabral, marcada «Costa», que o sr. Vasconcellos considera portugueza, do seculo XVII, e eu continuei a julgar de Delft, do seculo XVIII. Mas a discussão d'esse ponto restricto não é para aqui. E, quando, porventura, o mestre me chamar a terreiro pa-

ra debater esse interessante problema, terei o cuidado de me collocar n'um posto ainda inferior áquelle que me é devido, como de resto tenho sempre feito, ao tratar de assumptos cuja prioridade lhe pertence.

O catalogo é bem impresso em corpo 12, expressivo e entrelinhado, com larga margem e no seu aspecto geral sobrio e elegante, trabalho da officina dos srs. Marques Abreu & C.ª, com justificada fama pelo bom exito do que produzem. A's descrições, claras e simples, de 420 peças, com uma media de seis linhas, seguem 10 paginas, em que são descriptos alguns typos de azulejos dos seculos XV e XVI.

Depois de algumas ponderações so-



Galbeteiro de faiança decoração, relevo e polychroma. (fim do seculo XVIII, Porto).

sar, saindo uma vez por outra, não direi do assumpto, mas do caminho direito á descripção das peças, para incisivamente metter a aguçada pontinha do seu estylete de auctorizado critico n'aquelles que se occupam do mesmo assumpto. E' assim que me sinto alvejado — injustamente — pelo mestre, quando, a proposito da pretendida influencia da faiança de Delft, sobre a portugueza, afirma que «se tem querido *complicar* o problema, sem vantagem.»

Ora, eu creio ter, pelo contrario, *simplificado* o caso, contestando,



Prato de faiança, decoração polychroma, fim do século XVII,
Vianna do Castello

bre a peça de Delft, já citada, veem os indícios das photogravuras e das marcas, sendo estas quasi todas indicadas apenas pelos seus contornos e com raríssimas excepções, já conhecidas, trabalho do habil desenhador o sr. Hugo de Noronha.

A rapidez d'esta noticia sobre a pesada tarifa da organisação do catalogo, em que Joaquim de Vasconcellos sómente cede a parte que apesar de lhe não ser extranha não lhe pertence de facto — typographia, gravura e desenho — é devida á pressa de exaltar outro serviço, que, n'este momento, se me afigura mais importante ainda. E' o grande interesse, de verdadeiro patriota, com que o sr. Vasconcellos se empenhou em conseguir que a collecção Cabral, não só não saísse do paiz, mas ficasse no Porto, exposta no Museu Municipal, para estudo e elucidação dos que precisam aprender.

Esse trabalho, que acompanhei de seu principio, foi extraordinario! E' certo que Joaquim de Vasconcellos teve a seu lado ajudas de alguns homens de grande valor e importancia, como Rocha Peixoto, um dos maiores illustradores da sua patria, cuja prematura morte, tão recente, foi surpresa, bem triste, para a inumeravel quantidade dos seus admiradores; o sr. Correia Pacheco, vereador do pelouro da Bibliotheca e do Museu, o sr. dr. Duarte Leite, seu collega na vereação, Mas estou certo de que, sem a intelligente tenacidade e desmedido amor pela sua terra, que tão altamente distinguem o archeologo portuense, a collecção de faianças portuguezas, não estaria hoje no Porto, se não por preço superior ao que realmente vale. Posso aiançar esta asser-

ção, pois que o proprio subscriptor d'estas linhas esteve encarregado por dois amigos, colleccionadores de Lisboa, de comprar toda a collecção, o que não succedeu devido ao justifiado empenho do sr. Vasconcellos, o que sobremaneira o honra e mostra o seu amor pela cidade onde tem vivido.

Um brado de louvor a este nosso amigo, á memoria de Rocha Peixoto e aos srs. vereadores Correia Pacheco e Duarte Leite, pelo bom exito da sua extremada dedicação! E que o bello exemplo fructifique de modo que as preciosidades que ainda nos restam vão de preferencia enriquecer os museus do paiz onde toda essa arte bem nacional deve ser conservada na affirmacção dos nossos bellos trabalhos do passado.

JOSÉ QUEIROZ.



Caneca de faiança decoração polychroma, fim do século XVIII,
Porto

ALBERTO I. REI DA BELGICA.



sonhado, e envergando por vezes a blusa d'operario, pôz-se em contacto com o povo. Esse rei de trinta e quatro annos estudou com o maior cuidado a vida da sua nação, vendo o desenvolvimento das idéas modernas. Tornará a monarchia compativel com ellas. No fundo das minas, com o seu traje de obreiro, o largo chapéu d'abas na cabeça, não desdenha apertar as mãos aos trabalhadores e n'aquelle longo ruído de vida esse Coburgo, aparentado com as principaes casas reinantes da Europa, sente-se tanto á vontade como no seu lar.

A sua grande preocupação, desde muito novo, consiste em melhorar a sorte dos operarios, e, assim, percorrendo officinas, ateliers e estaleiros, o rei pôe-se ao corrente de tudo, deixando por vezes o seu gosto pela mechanic, para correr ao logar onde ha mais urgentes necessidades a prover.

A classe piscatoria da Belgica estava soffrendo uma grande crise; não havia pão nos lares humildes da costa flamenga, passavam-se largos dias desoladores, os pescadores choravam diante das redes rotas, as creanças soffiam dos desastres dos seus parentes, e o principe, percorrendo toda a região, vivendo a vida d'aquella gente, examinando tudo, acabou por fundar em La Panne uma caixa de socorros para os operarios do mar, cujo fundo foi constituído pelos seus proprios capitães. Ao mesmo tempo voltava-se para as creanças mais pobres da colonia, para os orphãos e para os desditosos, e creava a bordo do *Ibis* uma escola-asilo onde se ensina, com os trabalhos da pesca, tudo de que carece um marinheiro. E' já o fundamento da marinha mercante nacional, que entrevê nos seus sonhos de rei moderno.

A seu lado, bem digna companheira n'essa obra de dedicação, apparece a rainha Izabel, filha da infanta Maria José de Bragança.



O Soir, depois de fazer o elogio do actual rei da Belgica, das suas tendencias populares da organização de sociedades de socorro mutuo e das suas attenções para com o proletariado, conclue: «De resto o socialismo não é incompativel com a monarchia.»

Alberto I é realmente um socialista d'estado e os seus gostos são tão simples, tão modestos, que parece bem querer dar á sua vida particular a feição saliente dos seus actos publicos. Sendo principe, em vez de se dedicar ás cousas militares, que tanto agradam aos homens das familias reaes, em logar de se sentir atrahido para as fardas vistosas e piafar sobre um cavallo em dia de paradas, fez-se engenheiro mechanic, procurou na sciencia o fim da sua vida, o largo destino



1—O novo soberano da Belgica, Alberto I, filho do conde de Flandres, sobrinho do rei Leopoldo II (clichés CHUSSEAU-FLAVIENS). 2—A nova rainha da Belgica, D. Izabel, filha da infanta de Portugal D. Maria José, neta do rei D. Miguel



1—O príncipe Alberto e a princesa Isabel no bosque de La Chambré, em Bruxellas. 2—A princesa Isabel dando uma lição de rabeca a seu filho mais velho, o príncipe Leopoldo, hoje herdeiro da corôa

neta de D. Miguel I, que tem tanto de corajosa como de boa e que vai ensinando aos filhos, deante das creanças do povo, que os príncipes d'esta época de transições tem de conquistar o seu logar nas almas.

Nas minas de carvão de Seranig, onde acompanhou o esposo, quiz descer com elle, e ultimamente ainda, essa rainha passou algumas horas no calor intenso d'uma fabrica de vidros para que o rei voltára as suas attentões. Fundaram recentemente as obras *O ar livre para as creanças*, *Os pequenos martyres* e a *Liga nacional contra a tuberculose*.

O rei ordena ao seu secretario, sr. Godefroy, que lhe mostre todas as cartas de pedidos, venham d'onde vierem, e raramente deixa de soccorrer d'uma maneira nobre aquelles que se lhe dirigem. Pelo nascimento dos seus filhos distribuiram grandes quantias aos pequenos pobres, e jámais na rua um filho do povo cumprimentou os príncipes Leopoldo e Carlos sem que elles correspondessem da forma mais delicada a essa saudação.

Os alumnos d'uma escola primaria de Bruxellas foram passear ao bosque de Cambre e alguns d'elles encontraram suspenso d'uma arvore o corpo d'um homem que ainda dava signaes de vida; as creanças aterrorizadas iam pôr-se em fuga, quando uma ligeiramente subiu á arvore e cortou a corda, salvando assim o desditoso. No paço dos príncipes soube-se d'essa acção valorosa d'um garote de doze annos, e desde logo os actuaes soberanos o quizeram vêr. Alberto I sentou-o á sua mesa entre os seus filhos e a princesa, no fim do jantar, deu-lhe um lindo relogio de ouro como recordação do seu bello feito. Quando o soberano passa



O principe Alberto, engenheiro mechanico de visita a uma mina de carvão

no bairro pobre onde o pequeno heroe mora nunca deixa de parar á sua porta, e os operarios que ali habitam acercam-se d'elle sem cerimonia, sorriem-lhe e falam-lhe.

E' assim Alberto I, rei dos belgas, que teria sido um simples engenheiro mechanico sem o crime que anniquillou o principe Badouin, seu irmão, e que devia reinar. Vivendo sempre nas classes para onde os seus gostos o chamavam; tratando de perto com o povo e comprehendendo o, interessando-se pelas suas necessidades, logo que se tornou herdeiro do throno redobrou de cuidados para com os humildes. A sua maneira de comprehender a realeza é na verdade bem logica e bem nobre. Não se julga um ser privilegiado, mas apenas um homem que tem uma alta missao a cumprir; não faz do seu nascimento um preconceito, luta para ser digno do logar que occupa e n'esses grandes centros de trabalho surge como o primeiro trabalhador. Filho d'uma raça real desdenha das grandes cerimoniaes da realeza. Quando o rei Leopoldo, com a sua grande ancia de edificar palacios luxuosos, quiz offerecer-lhe uma residencia verdadeiramente regia o principe mostrou-se indifferente. O architecto Maquet fôra encarregado do trabalho, o velho soberano tratára com elle tudo desde as ornamentações das salas aos enfeites externos. Uma fonte monumental ficaria n'uma praça fronteira ao palacio, na rua Quetelet. As cavallerias seriam construidas no angulo da rua Meredien para o que seria preciso deitar abaixo alguns predios. O principe Alberto recusou tudo. Leopoldo tambem não insistiu sabendo que elle preferia o seu chalet modesto onde leva a mais burguezia das vidas com a esposa e os filhos, educados nas suas idéas.

As suas distrações são ainda coisas praticas. Afóra algum passeio a cavallo ou d'automovel, o rei trabalha até manualmente em metallurgia e electricidade e dedica-se profundamente ao estudo da economia politica. De quando em quando nas suas salas ha reunioes devéras curiosas. Não se vêem fardas



O principe Alberto philanthropo: O principe visitando com seus filhos o Ibis, onde fundou uma escola-asilo para os filhos dos pescadores.



Uma escola de energia. O príncipe Alberto alpinista

a não serem as dos officiaes ás ordens; o resto dos convidados são sábios, engenheiros, industriaes.

N'esta época em que os thronos ruem, Alberto da Belgica conservará o seu porque em vez de se cercar d'esquadrões, de levar a vida apparatusa, de se entregar nas mãos dos politicos manhosos, d'esses conservadores que serviram o rei Leopoldo, apparece francamente com a blusa d'obreiro diante de seu povo. Quando alumno da Escola Militar exigia ter uma alcunha como todos os seus condiscipulos. Chamaram-lhe *Courte-Mantel*, por causa da capinha curta que usava, e elle ficou satisfeito porque assim se equalava com os outros, o que é a grande tendencia do seu espirito. Quer merecer dirigir homens, não o quer fazer apenas em nome d'um privilegio de casta. E assim deve ser. Um rei moderno tem que vêr de perto o seu povo, saber das suas angustias, conhecer as suas dôres, lutar a seu lado e pelo seu bem, pondo de banda preconceitos, tradições e conselhos, chamando para si os individuos que se distinguem e não querendo ter uma côrte onde o cerimonial esconda os pensamentos. De cabeça levantada, só, como um homem que é, Alberto I da Belgica dispensa as honrarias banaes, recusa o auxilio dos politicos arteiros, colloca-se no

verdadeiro logar que lhe compete e o paiz olha-o como seu soberano, mais pela conquista exercida do que pelo direito divino á successão do conservador Leopoldo II.

A Belgica inteira se voltou para elle no dia em que exclamou em Antuerpia:

«A nação que no futuro melhor comprehender as necessidades sociaes do commercio e da industria, que melhor puder assegurar as relações amigaveis entre o capital e o trabalho, preponderará nas relações mutuas entre os povos. Ser unidos, lutar lado a lado por um nobre fim, é estimar um e outro, é inspirar a confiança, pedra angular da concordia e da união».

Realmente o rei socialista conseguiu inspirar essa cabal confiança, o que raras vezes succede aos reis, e Alberto obteve-a, porque ousada e sinceramente a soube ganhar.

Raramente enverga a sua farda de general; falla sempre alto, caminha direito, não tem que empallidecer de terror diante d'um homem do povo que se lhe dirija porque está habituado



2—O príncipe Alberto acompanhando os pescadores à pesca
3—A nova rainha da Belgica photographa



a apertar as mãos dos trabalhadores; não tem que recear as revoltas, porque faz concessões e vae crear sem duvida dentro da sua monarchia a transigencia necessaria do capital com o salario. Dirigindo-se directamente ás fontes do mal busca estancal-as e assim ficará na historia da Europa—n'este tempo de fallencias de thronos—o príncipe que nunca julgou ser rei, o irmão d'esse Badouin, todo militar, todo dedicado ás paradas, ás visitas a quartéis, amigo do espectáculo a procurar no exercito um auxilio que elle não pôde já dar a nenhum soberano desde que a nação o repilla por inutil. A realza moderna ou se apoia na obra do proprio rei como Alberto I nos seus trabalhadores, nos mineiros, nos pescadores, nos humildes, ou então não haverá bayonetas por mais afiadas e fortes que a possam aguentar.